

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 196

Data: 27.02.92

Pg.:

Posey: Cultura kaiapó é a alternativa

ANTONIO JOSÉ

O Seminário Internacional sobre a Amazônia, Pobreza e Desenvolvimento (Simdamazônia) foi insuficiente para a elaboração de propostas para o desenvolvimento auto-sustentável da região. Mas o antropólogo americano Darrel Posey, assessor do secretário Especial de Meio Ambiente, José Lutzenberg, afirma que esta alternativa já existe na cultura dos índios kaiapós.

O seu aproveitamento, porém, exige investimentos em infra-estrutura e pesquisas. Posey quer, também, que sejam dadas garantias aos índios na participação dos lucros auferidos com a comercialização dos novos produtos que podem ser obtidos a partir da experiência deles. Posey está seguro de que o modelo kaiapó de produção pode dar bons resultados se utilizado em larga escala.

O antropólogo coordenará a exposição "Ciência dos Kaiapós — Alternativas Contra a Destruição", paralela à Rio-92, para mostrar como o homem deve se relacionar com a natureza, obtendo bastante lucro, sem causar destruição. "Antes de tudo", afirma, "é preciso que o governo reconheça a existência de um conhecimento indígena e caboclo melhor do que o conhecimento de todos os técnicos e PhDs da vida".

Sobre suas novas funções como coordenador de entidades não-governamentais perante a Secretaria Especial de Meio Ambiente da Presidência da República, Posey disse que está trabalhando com vistas à Rio-92. "O professor Lutzenberg é muito conhecido, é muito procurado para dar palestras e participar de encontros. Isto estava meio desorganizado. Estou tentando fazer com que ele participe dos eventos de fora mais civilizada e mais viável".

Para o antropólogo, que enfrentou — juntamente com os caciques Paulinho Paikan e Kubei — um processo de expulsão do Brasil, movido pelo próprio governo, sob a acusação de dene-



Apesar das perdas culturais pelo contato com os brancos, os kaiapós são hábeis maneiradores da natureza

grir a imagem do país no exterior, trabalhar para este mesmo governo mostra que houve um avanço da democracia. "As mudanças estão ocorrendo no Brasil, de um modo geral. Vejo uma abertura no governo, que está sendo exigido pelo povo. No processo de democratização, o povo começa a expressar mais a sua preocupação com as mudanças climáticas, com a destruição da floresta e dos ecossistemas, e com o crescimento da pobreza".

De acordo com Posey,

"Os modelos sustentáveis já existem"

quando há abertura, as comunidades mais ameaçadas exigem do governo uma posição muito mais clara ligada à busca de alternativas.

A exposição kaiapó é uma dessas formas de expressões. "Foi muito elogiada no Brasil e no exterior. Tem a proposta de mostrar para o grande público, numa linguagem muito acessível, a riqueza e a relevância do conhecimento indígena. Utilizamos os kaiapós como exemplo, porque eu, desde 1977, estou trabalhando com eles. A partir de 1981, passei a coordenar o Projeto Kaiapó, que reúne 20 pesquisadores e técnicos de várias áreas, analisando profundamente o conhecimento kaiapó".

O cientista, que tem quase 100 trabalhos publicados no Brasil, disse que esses índios sabem muito mais que todos os cientistas e pesquisadores juntos. "O que um PhD como eu, por exemplo, pode fazer, é simples-

mente traduzir aquele conhecimento para uma linguagem conhecida pela comunidade em geral, pelos governos, pelas pessoas que tomam decisões políticas, para sensibilizá-las de que as alternativas que estamos procurando já existem".

Posey afirma que não se pode esperar que seja inventada uma tecnologia para resolver os problemas de manejo, da biodiversidade, e do desenvolvimento. Os modelos indígenas podem atender às exigências da sociedade. "Mas, sem termos de voltar a morar em malocas. Essa não é uma possibilidade nem para os próprios índios. As coisas estão mudando rapidamente, com o crescimento das populações, com a destruição dos ecossistemas, mudanças climáticas, aumento de consumismo. Ninguém pode voltar a morar como os antigos índios".

A visão romântica que se faz dos indígenas, conforme o antropólogo, só se enquadra a alguns grupos que podem e devem continuar vivendo em malocas. Ele lamenta que a transferência dos conhecimentos das comunidades indígenas e caboclas nunca tenha sido feita em escala maior. "O nosso modelo de desenvolvimento foi sempre de cima para baixo. Este modelo não deu certo até agora. Temos que reverter este processo".

O pesquisador reconhece, porém, que isto ainda é muito difícil. "É preciso investir, criar centros de pesquisas, campos experimentais, para ver como isto vai ficar. Acho que já estamos aprendendo muito na medicina tradicional, a procurar comidas alternativas, óleos e essências naturais, inseticidas, pesticidas, corantes e muitos outros produtos que têm importância econômica imediata".

O antropólogo considera muito importante que os índios compartilhem com os brancos todo o seu conhecimento. Mas adverte que é preciso, antes, "acharmos

uma maneira de assegurar o direito de propriedade intelectual para proteger as comunidades indígenas na participação da renda desses novos produtos. Que não sejam apenas suas idéias e experiências roubadas".

Uma parceria assim já está em andamento entre os kaiapós e a empresa londrina Body Shop, que produz cosméticos a partir de óleos de castanha-do-pará. A empresa já tem cerca de 700 lojas pelo mundo. A Body Shop paga aos kaiapós um preço muito bom, ajuda

"Os kaiapós sabem mais que os PhDs"

na infra-estrutura e orienta os índios no processo de produção. "Estamos falando, porém, de produtos completamente novos, que nunca tiveram valor econômico, e que os índios já estão utilizando e descobrindo que esses produtos têm um valor econômico. Quando isso acontece, nós temos que garantir um respeito, uma proteção jurídica, para a participação na renda".

Posey reconhece que os kaiapós sofreram muitas transformações culturais nas duas últimas décadas, mas acha que eles vão recuperar os traços mais marcantes que foram perdidos. "Desde 1939, os kaiapós tinham contatos com alguns missionários e com a Funai, alguns antropólogos. Era

Darrel Posey estuda a ciência kaiapó há longos anos. Agora, é assessor do secretário de Meio Ambiente.

"Quando já estavam nas áreas indígenas, os kaiapós foram acusados de ter aberto suas áreas para essas explorações. É óbvio que depois abertas, é difícil controlar o processo. Mas os caciques estão discutindo como vão contornar essa exploração de madeira e os garimpos".

Segundo afirma, o grupo Jê em geral passa seus conhecimentos dos avós para os netos e tem uma flexibilidade e uma segurança embutida em sua cultura. "As gerações atuais sofreram uma grande perda de informações, mas eu acho que os kaiapós vão recuperar isso. Todos os grupos indígenas do Brasil e das três Américas sofreram uma devastação demográfica por causa das doenças européias nesses últimos 500 anos".

Os gorotires, por exemplo, que hoje são cerca de 700 índios, em 1939 eram só 85. Quando foram contactados eram cerca de 300 e um ano depois só havia 85. "Isso aconteceu com todos os grupos que já passaram pelas piores condições possíveis e conseguiram recuperar seu número e sua cultura. Acredito que os kaiapós vão também se recuperar, apesar de todas as perdas que houve nos últimos oito anos".

Para Posey, os kaiapós têm servido de inspiração para outros índios, pelo nível de politização que atingiram. "Mas há outras tribos indígenas com muito tempo de resistência. Os xavantes, os próprios yanomamis estão resistindo há muito tempo. Não como os kaiapós, mas ainda com a coragem de dizer: "Nós somos Yanomami", e com muito orgulho disso".

